



**“PRETO NÃO É BURRO PARA PRECISAR DE COTA”: A NATURALIZAÇÃO DO RACISMO PRESENCIADO NA FALA DA SOCIEDADE ACREANA**

**“BLACK IS NOT DONKEY TO NEED QUOTA”: THE NATURALIZATION OF RACISM PRESENTED IN THE SPEECH OF ACREAN SOCIETY**

Maynara de Souza Melo <sup>1</sup>

**RESUMO**

Este artigo trata-se de uma pesquisa em andamento que tem como objetivo apresentar dados acerca da participação forçada dos negros no Brasil Colonial e como ao longo da história de nossa sociedade foi-se construindo com pré-conceitos acumulados durante todos esses anos de normatização da inferiorização dos negros. O Brasil, país com a segunda maior população negra do mundo, ainda vive preso em sua política de branqueamento do estado, tentando amenizar os pretos, como pardos, morenos, mulatos. É comum no cotidiano ouvirmos frases de efeito, reproduzidas de uma sociedade que não percebe seu racismo. Neste artigo, busca-se relatar as falas de diversos sujeitos Acreanos alunos da Universidade Federal do Acre em que se presenciou atos ou falas racistas, de pessoas que se dizem não racistas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Raças. Racismo. Relatos.

**ABSTRACT**

This article is an ongoing research that aims to present data about the forced participation of blacks in Colonial Brazil and how throughout history our society has been built with preconceptions accumulated during all these years of standardization of inferiorization of blacks. Brazil, a country with the second largest black population in the world, still lived stuck in its policy of whitening the state, trying to soften blacks, such as browns, browns, mulattos. It is common in everyday life to hear catch phrases, reproduced from a society that does not perceive its racism. In this article, we seek to report the speeches of several Acre subjects in the Federal University of Acre in which racist acts or speeches were witnessed, of people who claim to be non-racist.

**KEYWORDS:** Races. Racism. Reports.

**1. INTRODUÇÃO**

A participação forçada dos negros no Brasil Colonial aconteceu a partir do momento em que a colônia portuguesa necessita de um elevado número de trabalhadores para as grandes fazendas produtoras de cana-de-açúcar, algodão, dentre outros. Tendo já realizada

---

<sup>1</sup> Licenciada em Pedagogia e Mestranda em Educação: Políticas Públicas e Gestão Educacional da Universidade Federal do Acre.



a exploração e dominação do litoral africano, os portugueses buscaram nos negros a mão de obra escrava para ocupar tais postos de trabalho. Após a abolição da escravatura, o negro se viu livre, porém, sem meios de subsistência. Alguns negros continuaram nas fazendas por não ter para onde ir, outros foram para as ruas, com o passar dos tempos começam a vender sua mão de obra extremamente barata, permanecendo assim quase na escravidão. A este respeito, Costa (1996) afirma:

... o Estado apropria-se da História, controla e manipula o entendimento do processo histórico, confunde a noção de temporalidade e impinge o esquecimento. Garante, assim, a continuidade do mesmo sistema sob nova e atual roupagem: sem escravos e, logo depois, sem rei. Para dominar, há que se tornar senhor da memória e do esquecimento. (COSTA, 1996 p. 84).

Nos dias de hoje não é diferente, vemos que a construção histórica desse processo de escravidão interfere na vida dos negros até os dias atuais, pois sem ter meios de subsistência, nem moradia, a população negra sobe para os morros e vai viver na favela/periferia. Ainda hoje, é difícil vermos o negro em posição de destaque, logo, as marcas da escravidão perpassa até os dias atuais.

Nossa sociedade acostumou a negligenciar seu passado de escravidão. Por isso, mesmo abolindo a escravidão, o Estado brasileiro perpetuou a tragédia social ao não integrar o negro à sociedade. Além de não subsidiar sua inserção social, também não o forneceu condições de dignidade. Ao contrário, importou o imigrante europeu na tentativa de superar as marcas da negritude brasileira, criando-se assim uma tentativa frustrada de embranquecer a população. As políticas de branqueamento do estado vem como uma forma racista de tentar exterminar a população negra do Brasil.

A ideologia do racismo manteve a sua estrutura fundamental, só alterando as formas da sua manifestação. No período da escravidão, os negros eram sem alma, eram não humanos, portanto passíveis de serem tratados de forma desumana; na transição da escravidão para o assalariado (sic), os negros eram incompetentes para trabalhar no novo sistema de contratação, portanto passíveis de serem excluídos do mercado formal de trabalho; em seguida, os negros tinham como alternativa de inserção social a assimilação dos valores brancos inclusive pelo mascaramento de características visíveis da sua origem via miscigenação; (OLIVEIRA, 2000, p.83-84).

O racismo vem para tentar inferiorizar e justificar a escravidão da população negra, alegando que eles não eram humanos. Durante séculos utilizou-se da ciência para



explicar o conceito de raça, dentre elas a raça dominante que seria a ariana representada pela população branca de olhos azuis, a raça amarela que seria os asiáticos, em terceiro lugar viria os ingênuos e não civilizados representados pelos povos indígenas e por fim a raça que nem era considerada humana, os negros.

O racismo foi naturalizado ao longo dos anos, assim é comum no cotidiano ouvirmos frases de efeito, reproduzidas de uma sociedade que não percebe seu racismo. Analisando o município de Rio Branco no Estado do Acre, nesse artigo, busca-se relatar as falas de diversos sujeitos Acreanos alunos da Universidade Federal do Acre em que se presenciou atos ou falas racistas, de pessoas que se dizem não racistas além de relatos de alunos que já sofreram racismo.

O mesmo está organizado em 04 (quatro) seções em que a primeira trata-se da introdução que relata sobre a participação forçada do negro e a construção histórica da escravidão e racismo. A segunda relata sobre o que vem a ser o racismo e suas instancias e causas. A terceira seção relata o percurso histórico acerca da criação da lei de cotas raciais no Brasil e por fim uma seção de análise de dados, coletados através de questionários em que analisa-se opiniões de diversos sujeitos Acreanos alunos da Universidade Federal do Acre que dizem-se não racistas e que apresentam opiniões contrárias as políticas de igualdade racial.

## **2. O QUE É RACISMO?**

Ao longo da história Brasileira, percebe-se que o racismo é algo impregnado na sociedade, por muito tempo o negro foi visto como alguém inferior. No século XIX, com o impulso positivista sobre as ciências, ocorre o surgimento de teorias científicas racistas afim de tentar hierarquizar as raças e provar a superioridade da raça ariana (branca pura), deste modo cria-se uma barreira entre negros e brancos.

O negro e o mestiço dificilmente conseguiam igualar-se ao homem branco. Para alcançar pequenas regalias, fosse como escravo ou como homem livre, os descendentes de negros precisavam ocultar ou disfarçar seus traços de africanidade, já que o homem branco era apresentado como padrão de beleza e de moral. (CARNEIRO, 2003, p.15).

O racismo é o nome dado a denominação da discriminação e do preconceito (direta ou indiretamente) contra indivíduos ou até mesmo grupos por causa de sua etnia ou cor. É importante ressaltar que esse “preconceito” é uma forma de conceito ou juízo



formulado sem qualquer conhecimento prévio do assunto tratado, enquanto a discriminação é o ato de separar, excluir ou diferenciar pessoas ou objetos.

O racismo pode ser entendido de várias formas, dentre elas o preconceito e discriminação racial ou crime de ódio racial que caracteriza-se quando um indivíduo ou grupo manifesta-se de forma violenta física ou verbalmente contra outros indivíduos ou grupos por conta da etnia, raça ou cor, bem como nega acesso a serviços básicos (ou não) e a locais pelos mesmos motivos.

Outro tipo de racismo é o institucional, que caracteriza-se pela manifestação de preconceito por parte de instituições públicas ou privadas, do Estado e das leis que, de forma indireta, promovem a exclusão ou o preconceito racial. É o racismo institucional é vivenciado tanto pela população negra ao buscar serviços públicos, quanto por funcionários negros por serem discriminados ao ofertar um serviço e serem negados.

Partindo nessas entrelinhas, nos deparamos com o Racismo estrutural, que é estruturado ao longo do final século XIX até hoje. Deste modo até 1888 tinha-se um regime de escravidão, justificado através da ciência, trazendo o negro como inferior e justificando a escravidão.

Vinculados e legitimados pela biologia, a grande ciência desse século, os modelos darwinistas sociais constituíram-se em instrumentos eficazes para julgar povos e culturas, a partir de critérios deterministas, e, mais uma vez, o Brasil surgia representado como um grande exemplo; dessa feita, um "laboratório racial" (SCHWARCZ, 2010, p. 22).

O Estado ao perceber que necessitava libertar a população negra, criou então leis e decretos afim de marginalizar o negro, tais como: O Decreto número 847, de 11 de outubro de 1890 - Capítulo XIII Dos vadios e capoeiras que proíbe a prática de capoeira nas ruas, além de proibir que negros correm em locais públicos; A Lei de terras que vinha para impedir que negros pudessem adquirir uma terra para morar, etc.

Após a abolição da escravatura, esses negros que estavam sem educação, sem trabalhos, sem terras e sem modos de se sustentar se viram perdidos nas ruas. Logo mais, no ano de 1941 criou-se a lei da vadiagem, no artigo 59 do decreto-lei 3.688, em que os negros que fossem encontrados nas ruas sem empregos eram condenados à prisão, assim como a lei do capoeira que proíbe os negros de manifestarem sua cultura nas ruas, afim de evitar



agrupamentos. Desse modo, foi-se criando ao longo da história esse racismo, assim, diz-se que o racismo foi algo estruturado.

## **2.1 Causas do racismo**

Todos sabemos que o racismo se faz presente em nossa sociedade não é novidade, ainda hoje há pessoas alegando que o racismo não existe, mas, afirmar que não há racismo em nossa sociedade é algo falacioso, visto que, nossa sociedade é racial e a violência racial está agregada a nossa cultura. O termo raça vem desde o século XIX como algo biológico, porém atualmente é um termo social.

A população negra no Brasil sofre ainda com o racismo que se iniciou devido aos quase 300 anos de escravidão a que foram submetidos os seus ancestrais. Dois fatores marcantes nesse processo são a abolição tardia, e a ausência de medidas para reduzir os problemas sociais causados pelo desamparo aos ex-escravos, que, de repente, ficaram sem moradia e sem alimentação.

O racismo está intrínseco entre os brasileiros. A incidência do preconceito pode não ser tão evidente para alguns, mas ele não deixa de existir. Dessa forma, "podem ter mudado os sistemas econômicos, as relações de trabalho e as formas de opressão, porém os negros continuam a ser ideologicamente definidos como inferiores" (VALENTE, 1987, p.58).

Muitas vezes o racismo é caracterizado devido essa necessidade de uma pessoa em humilhar e diminuir o outro, necessidade essa absurda vinda de um pensamento minúsculo de querer dividir a sociedade em superior e inferior, causada pelos longos anos de escravidão. Pensando em punir tais atitudes, cria-se então leis para punir o racismo em especial na constituição de 1988, com pena inafiançável.

## **3. LEI DE COTAS**

Afim de amenizar os impactos causados por vários anos de escravidão cria-se então políticas públicas afim de amenizar as desigualdades educacionais devido ao racismo, criando assim a Lei nº 12.711/2012, sancionada em agosto de 2012, em que garante a reserva de 50% das matrículas por curso e turno em universidades federais e institutos federais de



educação, ciência e tecnologia a alunos oriundos integralmente do ensino médio público, em cursos regulares ou da educação de jovens e adultos. Os demais 50% das vagas permanecem para ampla concorrência.

As vagas reservadas às cotas correspondem a 50% do total de vagas da instituição, as mesmas serão subdivididas de tais formas: — metade para estudantes de escolas públicas com renda familiar bruta igual ou inferior a um salário mínimo e meio per capita e metade para estudantes de escolas públicas com renda familiar superior a um salário mínimo e meio. Em ambos os casos, também será levado em conta percentual mínimo correspondente ao da soma de pretos, pardos e indígenas no estado, de acordo com o último censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

As cotas raciais são como um instrumento de ação afirmativa que visa “tentar” corrigir as desigualdade de oportunidades, visto que, para Estado Brasileiro, não é possível esperar que todos os problemas da educação básica brasileira sejam resolvidos para tornar mais justa a participação da população negra e pobre na universidade pública.

Percebe-se que a implementação da lei de cotas não foi algo fácil, e ainda hoje ocorre diversas opiniões contrárias acerca das cotas, principalmente a cota racial. Ainda ocorre situações e falas extremamente racistas em nossa sociedade, muitas vezes tais atitudes partem de pessoas brancas da classe popular e até de negros que se consideram “morenos; café com leite; queimados do sol”.

#### **4. ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS: UM CHOQUE DE REALIDADE**

Primeiramente o que se pretende nessa seção, é analisar uma pequena parcela da sociedade Acreana. Vale ressaltar que esses dados não devem ser vistos como uma verdade absoluta generalizando todos os Acreanos. O que se busca é analisar algum ato ou fala racista de pessoas que se dizem não racistas, para isso, nenhum sujeito foi identificado. Foram coletados questionários semi estruturados; comentários de redes sociais; trechos de entrevistas; relatos de pessoas que já foram vítimas de racismo; recortes de comentários em redes sociais e respostas de um questionário semi estruturado, coletados de pessoas naturais do Estado do Acre.

Para iniciar a coleta de dados, foram aplicados 30 questionários semi estruturado, contendo 08 perguntas afim de entender como as pessoas agiriam diante de uma



situação de racismo, ou o pensam acerca de determinados fatores que são considerados racistas. Deste modo, foram analisados apenas pessoas que alegaram não serem racistas, afim de identificar se nelas há alguma atitude racista.

A primeira pergunta do questionário é: Você concorda com a expressão "cara de bandido"? Sabemos que no Brasil diariamente vários jovens negros são assassinados devido terem "cara de bandido". Muitas vezes a alegação de tal característica é sempre associada a alguém malandro, tatuado, com vestes simples, cabelo com *dread*, homens e em sua maioria negros. Ao questionar as pessoas sobre esse fator, de 08 sujeitos analisados, 0 relatam que concordam, e que há pessoas com características de bandido (negro, tatuado, mal vestido) já 08 dizem 'que não dá para saber pelo rosto'.

Ao analisar a segunda questão, em que é solicitado aos sujeitos da pesquisa que escrevam sobre como seria um bandido, as respostas começam a tomar formas. Os sujeitos entrevistados receberam nomes de flores, no qual o sujeito Cravo relata que: "é difícil descrever, quem vê cara não vê coração nem intenção.". O sujeito Margarida disse que prefere não opinar, enquanto o sujeito Hortênsia diz que bandido é: "Aquele que comete crimes que estão contra a Lei, a moral, a ética." Logo mais o sujeito Lírio afirma que para ele bandido é "Uma pessoa que comete delitos, vive à margem da lei." Para Rosa bandidos são "Contraventores" Já Orquídea relata que: "Na verdade não sei definir já que características, principalmente físicas não existem." Ao analisar a fala de Girassol ele diz que: "No imaginário brasileiro bandido é sinônimo de negro ou pardo, tatuagens e morador da periferia". Por fim, mas não menos importante Tulipa diz que: "Às vezes sinto que muitos entram pro mundo do crime por falta de oportunidades, considero o Brasil um país preconceituoso, em decorrência disso não posso reproduzir um discurso do que seria bandido"

A terceira questão faz a seguinte pergunta: "Em uma sala de aula, há um branco, um japonês, um negro e um pardo. Quem é o mais inteligente?" ambos os 08 sujeitos escolhem a alternativa que diz que não dá para identificar, e o sujeito cravo complementa: "Todos têm capacidades a serem desenvolvidas, não dá pra separar só por raça, cor ou etnia"

A quarta questão faz a seguinte pergunta: "Na mesma sala, com branco, um japonês, um negro e um pardo, há um ladrão. Quem é ele?" Ambos os 08 sujeitos escolhem a alternativa que diz que não dá para identificar, e o sujeito cravo complementa: "Pode ser qualquer um, não dá pra saber."



A quinta questão faz a seguinte pergunta: “qual ou quais das palavras abaixo você utiliza frequentemente?”

**Quadro 1. Expressões racistas utilizadas pelas pessoas entrevistadas**

NOME DOS SUJEITOS	Cravo	Margarida	Hortênsia	Lírio	Rosa	Orquídea	Girassol	Tulipa
A) Alma Não Tem Cor		X						
B) Mulata							X	
C) Denegrir	X							
D) Lista Negra							X	
E) "Não Sou Tuas Negas"								
F) Mercado Negro				X			X	
G) Criado Mudo								
H) Da Cor Do Pecado								
I) Inveja Branca		X						
J) Doméstica								
K) Dia De Branco					X	X		





L) Nenhuma Dessas			X		X	X		X
-------------------------	--	--	---	--	---	---	--	---

Elaborado pela autora com base nos dados coletados. (2020).

A sexta questão faz a seguinte pergunta: “no trabalho, um colega seu não foi promovido por ser negro e foi avisado disso. O que você faz? Ambos os 08 sujeitos responderam que dão conselhos a esse colega e o ajuda a tomar providências quanto a isso.

A sétima questão faz a seguinte pergunta: “você acredita que todas as raças tem igual acesso à educação no Brasil?” Os sujeitos Cravo, Margarida, Hortênsia, Lírio, Orquídea, Girassol e Tulipa responderam que não acreditam nisso, pois no Brasil, ainda há raças menos favorecidas até hoje. Já o sujeito Rosa diz que: “Claro, Só não vai à escola, quem não quer”.

A oitava questão faz a seguinte pergunta: “você concorda com cota racial em universidades brasileiras? Os sujeitos Cravo, Margarida e Rosa alegam que são contra, cada um que entre na universidade por mérito próprio. Já os sujeitos Lírio, Hortênsia, Orquídea, Girassol e Tulipa alegam que são a favor, pois o acesso à educação não é igualitário entre as raças.

Percebe-se então que algumas pessoas ainda são contra a lei de cotas por acreditarem na meritocracia, o discurso de mérito, do esforço de um sujeito que tem as mesmas capacidades que outros é bastante comum. As pessoas que responderam ao questionário, ao serem indagadas por qual motivo não concordam com a lei de cotas, relatam que tal lei inferioriza o sujeito tratando-o como alguém menos capaz.

Quando se fala em mérito, não confunda mérito com esforço, mérito é algo que só é válido quando todos partem de um mesmo ponto de igualdade. Ao selecionarmos um grupo que contém um peixe, um elefante, um jacaré e um macaco e colocamos eles em uma disputa que seria escalar uma árvore e pegar a bandeira que se encontra no topo. Vejamos, todos irão escalar a mesma árvore, terão o mesmo tempo livre para fazer o percurso. Terá mérito aquele que pegar a bandeira primeiro.

O que faremos com aquele que não respira fora d’água? Com o que não consegue escalar? A meritocracia não funciona neste momento, pois eles não partem de um ponto comum. Ao dar a largada, o animal que pegou a bandeira, foi o macaco. A questão a ser refletida é: Teve o macaco mérito? Se o critério no ponto de chegada fosse o mesmo, sem que



houvesse igualdade no ponto de partida, não haveria mérito ao macaco, ele apenas aproveitou sua natureza.

Ao nos depararmos com o sujeito que não se diz racista, porém acredita que só não vai à escola quem não quer, percebemos que esse sujeito ainda não conseguiu compreender as questões de desigualdade presentes em nossa sociedade.

## **5. CONCLUSÃO**

Por se tratar de uma pesquisa em andamento, os dados ainda são poucos, e não tão alarmantes, com relação ao racismo. Embora mais de um século já tenha se passado desde a abolição da escravatura, percebe-se que pouco mudou em relação à situação do negro na sociedade.

O combate ao racismo em nossa sociedade ainda é um desafio para o estado e as entidades não governamentais. Nosso país ainda possui uma cultura muito forte de estereótipos e preconceitos, principalmente quando o assunto é igualdade e busca de melhorias educacionais para a população afro-brasileira.

O que vemos na atualidade, sendo noticiado pela imprensa no país, é o impacto negativo da escravidão e da colonização que resultou em diversas consequências para a população afro-brasileira. Vale ressaltar novamente que essa pesquisa com relação a falas e atitudes racistas de pessoas que se dizem não racistas, está em andamento, e até o dado momento obteve apenas 08 questionários respondidos, por alunos da Universidade Federal do Acre.

Faz-se necessário continuidade da pesquisa que deve ser realizada a fim da reflexão sobre esse problema social, e que não ocorra pensamentos racistas que utilizem o discurso da falaciosa meritocracia, afim de desconstruir o direito de acesso ao ensino superior através de cotas, como sendo algo inferior.

Faz-se necessário a superação do preconceito nas relações humanas. No Brasil, pretende-se eliminar o preconceito e o racismo através de criação de leis, porém, é importante dizer também que é necessária, além da conscientização, a educação, que é o principal instrumento que poderá trazer esclarecimento a todos.



## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 12.711/2012, sancionada em agosto de 2012.** Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm)> acesso em: 26/03/2020

BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).** Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9372-caracteristicas-etnico-raciais-da-populacao.html?=&t=o-que-e>> Acesso em: 26/03/2020

BRASIL. **Decreto número 847,** de 11 de outubro de 1890. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del3688.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del3688.htm). Acesso em 26 abril 2020.

CARNEIRO, L.T. Maria. **O racismo na História do Brasil.** 8. Ed. São Paulo:Ática, 2003.

COSTA, A. M. (1996). **A violência como marca: a pesquisa em história.** In L. M. Schwarcz & L. V. S. Reis (Orgs.), *Negras imagens: ensaios sobre cultura e escravidão no Brasil* (pp. 81-91). São Paulo: Edusp.

OLIVEIRA, Denis de. **Globalização e Racismo no Brasil.** São Paulo: Unegro, 2000.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Racismo no Brasil.** 2ª ed. São Paulo: Publifolha, 2010.

VALENTE, Ana Lucia E.F. **Ser negro no Brasil hoje.** São Paulo: Moderna, 1987.

Enviado em: 26/01/2020  
Aprovado em: 28/04/2020